

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE HUMAN AGING PROCESS IN INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM
DISORDER

EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO HUMANO EN INDIVIDUOS CON
TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

Isabela Morette¹, Lia Mara Wibeling², Rudimar Risso de Oliveira Junior³, João Gabriel
Wibeling Holtermann⁴, Matheus Santos Gomes Jorge⁵, Luciana Grolli Ardenghi⁶, Eduardo
Fonini Lodi⁷, Roberta Pez Fagundes⁸

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.3938

Recibido: 31/10/2025 | Aceptado: 21/11/2025 | Publicación en línea: 02/12/2025.

RESUMO

O presente artigo discute o processo de envelhecimento humano em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando compreender as particularidades cognitivas, emocionais e sociais que caracterizam essa experiência. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, foi desenvolvida a partir da análise de artigos científicos, livros e relatórios oficiais publicados entre 2015 e 2025, com base teórica fundamentada no modelo do *Life-Course Health Development* (LCHD) e na perspectiva biopsicossocial. Os resultados indicam que o envelhecimento em pessoas autistas não segue um percurso linear e apresenta grande diversidade de trajetórias, influenciadas por fatores neurobiológicos, ambientais e relacionais. As evidências apontam que, embora não haja declínio cognitivo acelerado em comparação à população neurotípica, há variações significativas em funções executivas e na saúde mental, com persistência de sintomas de ansiedade e depressão. Além disso, destaca-se a carência de políticas públicas e de serviços especializados voltados ao envelhecimento autista. Conclui-se que compreender o envelhecimento no TEA requer uma abordagem inclusiva e interdisciplinar, que reconheça a neurodiversidade e valorize a subjetividade das experiências individuais,

¹ Graduanda em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: isab.mtt@gmail.com

² Doutora em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: liafisio@upf.br

³ Graduando em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: rudirisso45@gmail.com

⁴ Bacharel em Direito, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: joaogabw@gmail.com

⁵ Doutor em Envelhecimento Humano, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: matheusjorge@upf.br

⁶ Doutora em Medicina - Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lucianaa@upf.br

⁷ Graduado em Fisioterapia, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: 176846@upf.br

⁸ Graduada em Fisioterapia, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: 179703@upf.br

promovendo um envelhecer digno, saudável e socialmente reconhecido.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Envelhecimento Humano. Saúde Mental. Neurodiversidade. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

This article discusses the human aging process in individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), aiming to understand the cognitive, emotional, and social particularities that characterize this experience. The research, of qualitative and bibliographic nature, was based on the analysis of scientific articles, books, and official reports published between 2015 and 2025, grounded in the *Life-Course Health Development* (LCHD) model and the biopsychosocial perspective. The results indicate that aging among autistic individuals does not follow a linear trajectory and reveals great variability influenced by neurobiological, environmental, and relational factors. Evidence shows that although there is no accelerated cognitive decline compared to the neurotypical population, significant variations occur in executive functions and mental health, with the persistence of anxiety and depressive symptoms. Furthermore, the study highlights the lack of public policies and specialized services addressing autistic aging. It is concluded that understanding aging in ASD requires an inclusive and interdisciplinary approach that acknowledges neurodiversity and values subjective experience, promoting dignified, healthy, and socially recognized aging.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Human Aging. Mental Health. Neurodiversity. Quality of Life.

RESUMEN

Este artículo analiza el proceso de envejecimiento humano en personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA), buscando comprender las particularidades cognitivas, emocionales y sociales que caracterizan esta experiencia. La investigación, con un enfoque cualitativo y bibliográfico, se desarrolló a partir del análisis de artículos científicos, libros e informes oficiales publicados entre 2015 y 2025, basándose en el modelo de Desarrollo de la Salud a lo Largo de la Vida (LCHD) y la perspectiva biopsicosocial. Los resultados indican que el envejecimiento en personas con autismo no sigue un camino lineal y presenta una gran diversidad de trayectorias, influenciadas por factores neurobiológicos, ambientales y relacionales. La evidencia sugiere que, si bien no se observa un deterioro cognitivo acelerado en comparación con la población neurotípica, existen variaciones significativas en las funciones ejecutivas y la salud mental, con síntomas persistentes de ansiedad y depresión. Además, se destaca la falta de políticas públicas y servicios especializados dirigidos al envejecimiento autista. Se concluye que comprender el envejecimiento en el TEA requiere un enfoque inclusivo e interdisciplinario que reconozca la neurodiversidad y valore la subjetividad de las experiencias individuales, promoviendo un envejecimiento digno, saludable y socialmente reconocido.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Envejecimiento Humano. Salud Mental. Neurodiversidad. Calidad de Vida.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano é um fenômeno complexo e multifacetado, marcado por transformações biológicas, psicológicas e sociais que se entrelaçam ao longo de toda a vida. Com o avanço da medicina, das condições de vida e da tecnologia, a expectativa de vida da população mundial aumentou significativamente nas últimas décadas, configurando um dos processos demográficos mais expressivos do século XXI (IBGE, 2018). Esse cenário trouxe novas demandas para as áreas da saúde, da educação e das ciências humanas, exigindo reflexões sobre como diferentes grupos populacionais vivenciam o envelhecer, especialmente aqueles que apresentam condições específicas de desenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças na comunicação e na interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento (American Psychiatric Association, 2013). Durante muito tempo, o autismo foi tratado quase exclusivamente sob a ótica da infância, o que contribuiu para a escassez de estudos sobre o envelhecimento de pessoas autistas. Essa limitação histórica na produção científica reflete uma visão reducionista do desenvolvimento humano, que tende a associar o autismo a uma fase específica da vida, negligenciando a complexidade de sua continuidade na idade adulta e na velhice. Assim, o envelhecimento de indivíduos autistas permanece como um campo de pesquisa emergente, que desafia paradigmas consolidados nas ciências da saúde e do comportamento.

Nas últimas décadas, observa-se um aumento expressivo de adultos e idosos diagnosticados com TEA, o que tem despertado o interesse de pesquisadores e profissionais em compreender como essa população envelhece. Estudos recentes indicam que pessoas autistas podem apresentar trajetórias de saúde física, cognitiva e emocional distintas das observadas em indivíduos neurotípicos (Wright; Happé, 2016). Além de questões biológicas, fatores sociais e estruturais, como o diagnóstico tardio, a escassez de políticas públicas e a falta de serviços especializados, impactam diretamente a qualidade de vida e o bem-estar dessas pessoas (Klein, 2024). A invisibilidade social do envelhecimento autista revela não apenas um hiato na pesquisa, mas também uma lacuna na garantia de direitos e na efetivação de práticas de cuidado inclusivas.

Compreender o envelhecimento em indivíduos com TEA implica reconhecer que a

velhice, nesse contexto, não se resume a um processo fisiológico, mas envolve dimensões subjetivas e simbólicas que dizem respeito à identidade, às experiências acumuladas e à relação do sujeito com o tempo. A literatura internacional tem destacado a importância de adotar referenciais teóricos que contemplem o desenvolvimento humano de forma contínua, superando visões fragmentadas ou lineares. Entre esses referenciais, destaca-se o modelo do *Life-Course Health Development* (LCHD), de Halfon e Hochstein (2002), que propõe compreender a saúde como um processo dinâmico ao longo da vida, influenciado por interações entre fatores genéticos, ambientais, sociais e culturais.

A adoção dessa perspectiva possibilita compreender o envelhecimento autista como resultado de múltiplas trajetórias que se constroem desde a infância, marcadas por contextos de socialização, acesso (ou ausência) de apoios e vivências de pertencimento ou exclusão. Dessa forma, a velhice autista não deve ser vista como uma fase isolada, mas como parte de uma continuidade de experiências que expressam modos singulares de ser e estar no mundo. Tal compreensão amplia a visão sobre o envelhecer, deslocando o foco da deficiência para a diversidade e para a valorização das formas alternativas de adaptação, autonomia e expressão individual.

Assim, o presente artigo tem como objetivo discutir o processo de envelhecimento humano em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, analisando as particularidades cognitivas, emocionais e sociais que caracterizam essa experiência. Busca-se, ainda, refletir sobre os desafios enfrentados por essa população no acesso a serviços de saúde, suporte comunitário e políticas públicas adequadas, bem como sobre as lacunas teóricas e metodológicas que ainda limitam o avanço das pesquisas sobre o tema. Ao integrar diferentes perspectivas, como biológica, psicológica e social, o estudo pretende contribuir para o fortalecimento de um debate interdisciplinar que reconheça o envelhecimento autista como parte legítima da diversidade humana e da complexidade do desenvolvimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, o TEA foi abordado sobretudo sob a ótica do desenvolvimento infantil. No entanto, nas últimas décadas, o aumento da expectativa de vida e o reconhecimento tardio do diagnóstico têm despertado o interesse científico sobre a experiência de envelhecer em pessoas autistas (Wright; Happé, 2016). Essa mudança de perspectiva exige um enquadramento teórico

que compreenda o desenvolvimento humano como processo contínuo e dinâmico, permeado por fatores biológicos, psicológicos e sociais ao longo de todo o ciclo vital. O modelo de *Life-Course Health Development* (LCHD), proposto por Halfon e Hochstein (2002), é particularmente relevante nesse contexto, pois enfatiza que o desenvolvimento da saúde resulta da interação entre condições precoces de vida, experiências acumuladas e contextos socioculturais. Assim, compreender o envelhecimento no TEA implica considerar trajetórias individuais e o modo como fatores ambientais e relacionais moldam o curso da vida.

Modelos Teóricos e Perspectivas do Envelhecimento

O estudo do envelhecimento humano tradicionalmente se apoia em modelos como o de envelhecimento bem-sucedido (*successful aging*), formulado por Rowe e Kahn (1997), que associa envelhecer bem à ausência de doenças, ao funcionamento físico e cognitivo preservado e à participação ativa na vida social. No entanto, tais modelos mostram-se limitados quando aplicados a pessoas com TEA, visto que desconsideram as especificidades da neurodiversidade e a diversidade de trajetórias de vida (Klein, 2024). Em resposta, pesquisadores têm defendido uma abordagem mais inclusiva, centrada no conceito de envelhecimento saudável, conforme definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), que reconhece o bem-estar como produto de múltiplas interações entre capacidades funcionais, contexto social e significado subjetivo atribuído à vida.

Nesse sentido, o modelo biopsicossocial, derivado da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), também oferece uma base sólida para analisar o envelhecimento autista, ao integrar dimensões orgânicas, psicológicas e ambientais. Essa perspectiva desloca o foco da deficiência para a interação entre o indivíduo e o meio, valorizando as condições de participação social e o acesso a apoios adequados (Maguire et al., 2022).

Trajetórias Cognitivas e Neuropsicológicas

As pesquisas sobre o envelhecimento cognitivo em pessoas com TEA ainda são escassas e apresentam resultados heterogêneos. Revisões recentes indicam que, embora alguns estudos não encontrem evidências de declínio cognitivo acelerado nessa população, outros sugerem diferenças sutis em funções executivas e memória social (Bishop-Fitzpatrick; Rubenstein, 2019;

Stewart; Happé, 2025). De modo geral, os dados apontam para uma trajetória cognitiva diversa, em que aspectos como atenção, rigidez cognitiva e processamento social podem ser afetados de forma distinta pela população neurotípica. Além disso, pesquisas de neuroimagem sugerem padrões diferenciados de conectividade cerebral em adultos autistas mais velhos, o que reforça a necessidade de estudos longitudinais que articulem aspectos biológicos e psicossociais do envelhecimento (Colombo et al., 2023).

Tabela 1: Resultados de pesquisas sobre o envelhecimento cognitivo em indivíduos com TEA

Autor e ano	Tipo de estudo	Principais achados	Implicações para o envelhecimento
Bishop-Fitzpatrick & Rubenstein (2019)	Revisão sistemática	Não há evidências consistentes de declínio cognitivo acelerado no TEA	O envelhecimento cognitivo parece semelhante ao da população neurotípica
Stewart & Happé (2025)	Estudo longitudinal	Diferenças sutis em funções executivas e memória social	Sugere envelhecimento cognitivo com padrões específicos, não necessariamente patológicos
Colombo et al. (2023)	Revisão de neuroimagem	Alterações em conectividade funcional em redes pré-frontais e sociais	Aponta necessidade de pesquisas longitudinais com foco biopsicossocial
Hegde & García (2023)	Revisão de instrumentos	Escassez de medidas validadas para adultos autistas	Necessidade de desenvolver e adaptar ferramentas de avaliação específicas

Fonte: Elaboração própria com base em Bishop-Fitzpatrick & Rubenstein (2019); Stewart & Happé (2025); Colombo et al. (2023); Hegde & García (2023).

Os dados sintetizados na Tabela 1 evidenciam a diversidade de resultados encontrados na literatura, o que reforça a importância de abordagens integrativas que considerem tanto aspectos biológicos quanto contextuais do envelhecimento em indivíduos com TEA.

Outro ponto importante diz respeito à escassez de instrumentos validados para avaliar cognição e funcionalidade em adultos e idosos com TEA. Muitas das escalas aplicadas foram desenvolvidas para populações neurotípicas, o que pode gerar vieses de interpretação e subestimar as capacidades adaptativas dessas pessoas (Hedge; García, 2023). Portanto, há um consenso crescente sobre a importância de desenvolver e validar instrumentos de avaliação específicos, que considerem as particularidades sensoriais, comunicativas e comportamentais do espectro autista.

Saúde Mental, Comorbidades e Qualidade de Vida

O envelhecimento de pessoas com TEA envolve desafios significativos relacionados à saúde mental e às comorbidades físicas. Estudos apontam que sintomas de ansiedade e depressão são prevalentes em autistas ao longo de toda a vida e, em alguns casos, podem se manter ou até se agravar na velhice, em decorrência de fatores sociais, emocionais e biológicos (Lever; Geurts, 2022). Além disso, condições crônicas como hipertensão, obesidade, distúrbios do sono e doenças cardiovasculares apresentam maior incidência nessa população, quando comparada à população geral (Rydzewska et al., 2019).

A presença simultânea de comorbidades físicas e mentais impacta diretamente na autonomia e na qualidade de vida das pessoas autistas idosas. Contudo, pesquisas qualitativas indicam que a noção de qualidade de vida para essa população não se limita à ausência de doença, mas envolve fatores subjetivos como estabilidade emocional, rotinas previsíveis e relações sociais significativas (Geurts et al., 2024). Essa compreensão amplia a noção de bem-estar e reforça a importância de políticas públicas e práticas de cuidado que valorizem as perspectivas individuais e a autodeterminação.

Serviços, Desafios Sociais e Políticas Públicas

A ausência de serviços especializados para adultos e idosos com TEA constitui um dos principais entraves ao envelhecimento saudável dessa população. Muitos indivíduos são diagnosticados apenas na vida adulta, o que reduz o acesso a intervenções precoces e acompanhamento contínuo (Van Hees; Roestorf; Geurts, 2023). Essa lacuna se agrava pela escassez de políticas públicas específicas e pela formação insuficiente de profissionais de saúde para lidar com as demandas do envelhecimento autista.

A literatura recente também destaca a importância dos apoios sociais e comunitários na promoção da saúde e da participação social. A construção de redes de suporte, o incentivo à autonomia e o combate ao estigma social são elementos fundamentais para garantir um envelhecimento digno e inclusivo (Klein, 2024). Dito isso, o envelhecimento autista desafia também as concepções tradicionais de velhice, convidando à reflexão sobre novas formas de cuidado, pertencimento e reconhecimento social.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter exploratório. A escolha por essa metodologia se fundamenta na necessidade de compreender, a partir de múltiplas fontes teóricas e empíricas, as especificidades do processo de envelhecimento em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica busca analisar e interpretar contribuições teóricas já existentes sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador identificar lacunas, convergências e perspectivas no campo estudado.

O corpus teórico deste trabalho foi constituído a partir da seleção de artigos científicos, livros e relatórios oficiais publicados entre 2015 e 2025, período em que se observa um crescimento significativo do interesse acadêmico pelo envelhecimento na população autista. As bases de dados consultadas incluíram PubMed, Scielo, Scopus e Google Scholar, utilizando descritores em português e inglês, como *autismo e envelhecimento*, *aging and autism*, *older adults with ASD* e *healthy aging*. Foram priorizados estudos de revisão, pesquisas empíricas longitudinais e documentos de organismos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A análise dos dados foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar categorias temáticas recorrentes nas publicações selecionadas. Essas categorias emergiram em torno de quatro eixos principais: (1) modelos teóricos e perspectivas sobre o envelhecimento humano; (2) trajetórias cognitivas e neuropsicológicas; (3) saúde mental, comorbidades e qualidade de vida; e (4) políticas públicas e apoio social. Essa categorização permitiu compreender as dimensões centrais que estruturam o debate científico sobre o envelhecimento de pessoas com TEA, além de evidenciar lacunas metodológicas e teóricas que ainda limitam o avanço das pesquisas na área.

A natureza qualitativa da investigação possibilitou uma leitura interpretativa e contextualizada das fontes, considerando os resultados empíricos e também as concepções de sujeito, saúde e velhice que atravessam os estudos. Dessa forma, o presente artigo não busca generalizações estatísticas, mas a construção de uma reflexão crítica sobre as múltiplas formas de envelhecer no espectro autista, contribuindo para a ampliação do debate interdisciplinar entre as áreas da psicologia, gerontologia e estudos da neurodiversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica permitiu identificar que o envelhecimento em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um campo de pesquisa ainda emergente, mas de crescente relevância científica e social. As publicações recentes convergem ao reconhecer que o envelhecimento autista não pode ser compreendido a partir de modelos tradicionais, visto que apresenta especificidades biológicas, cognitivas e sociais que desafiam as concepções lineares de desenvolvimento humano. As categorias temáticas organizadas a partir do levantamento, modelos teóricos, cognição, saúde mental e qualidade de vida, e serviços e políticas, permitem observar um movimento gradual da literatura em direção a uma abordagem mais inclusiva e contextualizada da velhice autista.

Modelos Teóricos e Compreensão do Envelhecimento no TEA

Os resultados indicam que há uma mudança paradigmática no modo como o envelhecimento em pessoas autistas é conceituado. Pesquisadores como Klein (2024) e Geurts et al. (2024) propõem uma revisão crítica do modelo de “envelhecimento bem-sucedido” (Rowe; Kahn, 1997), argumentando que ele se baseia em padrões de funcionamento que nem sempre são representativos das experiências de indivíduos neurodiversos. Em contrapartida, cresce a adoção de perspectivas baseadas no conceito de *envelhecimento saudável* (World Health Organization, 2015), que compreende o bem-estar como resultado da interação entre capacidades funcionais, ambiente e significados pessoais.

Nesse sentido, o modelo *Life-Course Health Development* (Halfon; Hochstein, 2002) se mostra uma ferramenta teórica valiosa, pois permite compreender o envelhecimento como resultado de trajetórias de vida marcadas por fatores biológicos, ambientais e sociais cumulativos. Em pessoas com TEA, as experiências de diagnóstico tardio, exclusão social e falta de apoios adequados se tornam elementos determinantes para o modo como se vivencia a velhice. Assim, mais do que adaptar conceitos da gerontologia, a literatura recente propõe ampliar as noções de saúde e funcionalidade, a fim de valorizar as especificidades da neurodiversidade.

Aspectos Cognitivos e Neuropsicológicos

As pesquisas analisadas revelam resultados heterogêneos sobre o desempenho cognitivo de pessoas autistas em processo de envelhecimento. Estudos como os de Bishop-Fitzpatrick e Rubenstein (2019) e Stewart e Happé (2025) indicam que, de modo geral, não há evidências de declínio cognitivo acelerado em comparação à população neurotípica. Entretanto, observam-se diferenças pontuais em funções executivas, flexibilidade cognitiva e processamento social, áreas tradicionalmente sensíveis em indivíduos com TEA. Revisões de neuroimagem, como as de Colombo et al. (2023), sugerem padrões de conectividade cerebral diferenciados em adultos autistas mais velhos, especialmente em redes frontoparietais e pré-frontais, o que pode estar associado a estratégias compensatórias ou reorganizações funcionais ao longo do tempo.

Esses achados, sintetizados na Tabela 1, indicam que o envelhecimento cognitivo em pessoas autistas é multifacetado e não pode ser reduzido a uma trajetória de declínio. Pelo contrário, muitos indivíduos demonstram estabilidade ou até aprimoramento em habilidades específicas, como memória de longo prazo e atenção focada. No entanto, a falta de instrumentos validados para essa população ainda limita as interpretações sobre o real impacto do envelhecimento nas funções cognitivas (Hedge; García, 2023). Essa lacuna metodológica reforça a necessidade de abordagens que combinem testes objetivos, autorrelatos e observações qualitativas.

Saúde Mental, Comorbidades e Qualidade de Vida

A literatura aponta que a saúde mental ocupa papel central nas discussões sobre envelhecimento autista. Estudos longitudinais, como o de Lever e Geurts (2022), demonstram que sintomas de ansiedade e depressão são altamente prevalentes e tendem a se manter ao longo da vida, podendo se agravar na velhice em razão de fatores sociais, como isolamento, perda de vínculos e redução de apoio institucional. Rydzewska et al. (2019) acrescentam que adultos e idosos autistas apresentam maior incidência de doenças crônicas, como hipertensão, obesidade e distúrbios do sono, quando comparados à população geral, o que impacta diretamente o bem-estar e, principalmente, a autonomia.

Por outro lado, estudos qualitativos recentes, como o de Geurts et al. (2024), evidenciam que o conceito de qualidade de vida entre pessoas autistas mais velhas é profundamente subjetivo

e não depende exclusivamente de indicadores médicos. A estabilidade das rotinas, o reconhecimento da identidade autista e o acesso a ambientes acolhedores são fatores determinantes para um envelhecimento satisfatório. Essa perspectiva amplia a noção de bem-estar, aproximando-a de uma visão humanista e contextualizada da saúde.

Desafios Sociais, Políticas Públicas e Inclusão

Um dos resultados mais evidentes da análise bibliográfica é a ausência de políticas públicas voltadas especificamente à população autista idosa. A ausência de serviços especializados, a descontinuidade do acompanhamento após a vida adulta e a escassez de profissionais capacitados são desafios recorrentes (Van Hees; Roestorf; Geurts, 2023). Além disso, o diagnóstico tardio, comum entre gerações que cresceram antes do reconhecimento mais amplo do TEA, faz com que muitos idosos autistas enfrentem a velhice sem suporte adequado, o que contribui para o isolamento e o sofrimento psíquico.

Diante disso, urge a necessidade de desenvolver políticas intersetoriais que articulem saúde, assistência social e educação permanente, assegurando o direito ao envelhecimento digno e inclusivo. Autores como Klein (2024) defendem a importância de redes comunitárias de apoio e de práticas baseadas na escuta e na autodefinição do sujeito autista, rompendo com modelos de cuidado centrados na normalização. O envelhecimento autista, portanto, demanda uma ética da alteridade, na qual o respeito às singularidades e às diferentes formas de ser e envelhecer se torna eixo central das políticas e práticas de cuidado.

SÍNTESE DA DISCUSSÃO

De modo geral, os resultados apontam que o envelhecimento em pessoas com TEA é um processo singular, que exige a revisão de conceitos tradicionais e a ampliação dos modelos explicativos sobre a velhice. A literatura recente evidencia avanços significativos, mas também grandes lacunas, como a falta de estudos longitudinais, a escassez de instrumentos validados e a ausência de políticas públicas voltadas ao envelhecimento autista são desafios que ainda limitam a compreensão plena desse fenômeno. Ao mesmo tempo, observa-se o surgimento de uma nova sensibilidade científica e social, comprometida com o reconhecimento da diversidade humana e com a promoção de um envelhecimento mais justo, inclusivo e significativo para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou discutir o processo de envelhecimento humano em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando que essa experiência se constitui de forma complexa e se deve a múltiplos fatores, atravessada por dimensões biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. A análise bibliográfica permitiu compreender que o envelhecimento autista não segue um percurso linear, mas é marcado por trajetórias singulares que refletem tanto as condições de vida e os apoios disponíveis quanto os significados que cada pessoa atribui ao próprio envelhecer.

Constatou-se que, embora as pesquisas sobre o envelhecimento no TEA tenham avançado nos últimos anos, o campo ainda carece de estudos longitudinais e instrumentos de avaliação adaptados à diversidade neurofuncional. As investigações existentes revelam que, em geral, não há evidências de um declínio cognitivo acelerado entre indivíduos autistas, mas há variações importantes em funções executivas e na adaptação social. A saúde mental, por sua vez, permanece como um dos maiores desafios ao longo da vida, uma vez que sintomas de ansiedade e depressão tendem a persistir ou se intensificar na velhice, especialmente diante de contextos de isolamento social, diagnóstico tardio e escassez de apoio institucional.

A literatura analisada também demonstra que o conceito de qualidade de vida para pessoas autistas idosas ultrapassa as métricas tradicionais de funcionalidade física e independência, englobando fatores como a estabilidade das rotinas, o sentimento de pertencimento, a autenticidade e a aceitação da própria identidade. Essa perspectiva reforça a necessidade de um olhar ético e inclusivo sobre o envelhecimento, que reconheça a diversidade de modos de existir e de se relacionar com o tempo.

Em termos sociais e políticos, torna-se urgente o desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais voltadas à população autista adulta e idosa. A inexistência de serviços especializados e a descontinuidade do cuidado após a vida adulta configuram barreiras significativas para o envelhecimento saudável e digno. É fundamental que práticas e programas de saúde, assistência social e educação permanente sejam planejados com base em princípios de acessibilidade, autonomia e respeito à neurodiversidade.

Por fim, conclui-se que estudar o envelhecimento no TEA é também um convite a repensar a própria noção de envelhecer. Em vez de associá-lo exclusivamente à perda ou à limitação, o envelhecimento autista pode ser compreendido como um processo de continuidade, adaptação e

ressignificação, no qual o sujeito encontra novas formas de estar no mundo e de afirmar sua singularidade. Espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate interdisciplinar sobre o tema, estimulando novas pesquisas, práticas e políticas que promovam uma sociedade verdadeiramente inclusiva, em que todas as pessoas possam envelhecer com dignidade e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- BISHOP-FITZPATRICK, L.; RUBENSTEIN, E. **The physical and mental health of middle-aged and older adults on the autism spectrum and the impact of intellectual disability.** *Autism*, v. 23, n. 5, p. 1325 - 1335, 2019.
- COLOMBO, C. et al. **Cognitive and cerebral aging research in autism: a systematic review.** *Autism Research*, v. 16, n. 2, p. 205 - 220, 2023.
- GEURTS, H. M. et al. **Aging well on the autism spectrum: the perspectives of autistic adults and carers.** *International Psychogeriatrics*, v. 36, n. 4, p. 722 - 735, 2024.
- HALFON, N.; HOCHSTEIN, M. **Life course health development: An integrated framework for developing health, policy, and research.** *Milbank Quarterly*, v. 80, n. 3, p. 433 - 479, 2002.
- HEGDE, S.; GARCÍA, L. **Assessment instruments for aging in autism: a scoping review.** *Aging & Mental Health*, v. 27, n. 9, p. 1783 - 1797, 2023.
- IBGE. **Projeções da população: Brasil e Unidades da Federação: revisão 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- KLEIN, C. B. **Aging well and autism: A narrative review and recommendations for future research.** *Healthcare*, v. 12, n. 12, p. 1207, 2024.
- LEVER, A. G.; GEURTS, H. M. **Ageing and autism: A longitudinal follow-up study of mental health.** *Frontiers in Psychology*, v. 13, p. 741213, 2022.
- MAGUIRE, E. et al. **Autism spectrum disorder in older adults with intellectual disability: a scoping review.** *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 35, n. 3, p. 632 - 647, 2022.
- ROWE, J. W.; KAHN, R. L. **Successful aging.** *Gerontologist*, v. 37, n. 4, p. 433 - 440, 1997.
- RYDZEWSKA, E. et al. **General health of adults with autism spectrum disorders: a whole country population cross-sectional study.** *Autism*, v. 23, n. 4, p. 933 - 944, 2019.
- STEWART, G. R.; HAPPÉ, F. **Aging across the autism spectrum.** *Annual Review of Developmental Psychology*, v. 7, p. 241 - 265, 2025.
- VAN HEES, V.; ROESTORF, A.; GEURTS, H. M. **Challenges of diagnosis and support in**

aging autistic adults: A review. Autism Research, v. 16, n. 1, p. 54 - 67, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on ageing and health**. Geneva: WHO, 2015.

WRIGHT, S. J.; HAPPÉ, F. **Ageing in autism spectrum disorder. International Review of Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 47 - 62, 2016.